

...a estreia de uma talentosa maranhense ...¹

ERA UMA MANHÃ DE AGOSTO, um homem estava prestes a morrer sozinho quando “alguém despontou longe, e como se fora um ponto negro no extremo horizonte, esse alguém, que pouco e pouco se avultava, era um homem”, o único capaz de restituir a vida. Chamava-se “Túlio”. Parecia contar no muito 25 anos. Na “franca expressão de sua fisionomia adivinhava-se ‘a nobreza de um coração bem formado’; ‘o sangue africano refervia-lhe nas veias’”, de modo que nem o clima nem a servidão podiam resfriá-lo: “Que ventura! – que ventura, podê-lo salvar!” — foram as suas primeiras palavras.

Junto dele, uma velha africana, a “preta Susana”.

Ela está metida numa “saia de grosseiro tecido de algodão preto” que vai até o “meio das pernas magras, e descarnadas”. Na cabeça, um “lenço encarnado e amarelo” que mal cobre seus cabelos brancos... Erguendo-se e deixando a máquina de fiar, ela toma um cachimbo nas mãos, enche-o de tabaco, acende-o e tira-lhe algumas baforadas de

fumo. “Túlio está à sua frente com os braços cruzados sobre o peito”; “diante de uma encruzilhada”. Ela lhe afirma: “*não houve mulher alguma mais ditosa do que eu*”.

Os parágrafos acima fazem referências às primeiras personagens negras da história do romance brasileiro que narram suas vidas em primeira pessoa, representando desejos, projetos e revelando subjetividades.

São personagens do romance *Úrsula* (1859) — primeiro livro de autoria de uma escritora negra no Brasil e primeiro romance feminino antiescravista da língua portuguesa. Escrito por Maria Firmina dos Reis, uma das inauguradoras da cena editorial feminina brasileira, esse livro começou a ser vendido em agosto de 1860, em São Luís, Maranhão.

Úrsula foi assinado por Maria Firmina dos Reis sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, e talvez, isso tenha contribuído para que seu nome fosse apagado durante muito tempo da historiografia, mas não da história.

¹ Assim a escritora Maria Firmina dos Reis foi apresentada no primeiro anúncio de seu romance *Úrsula* veiculado na imprensa maranhense, no periódico *A Imprensa*, ano IV, número 11, de 18 de fevereiro de 1860. Disponível no portal Memorial de Maria Firmina dos Reis em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/firmina-na-imprensa/nos-periodicos-seculo-xix/ursula-periodicos-seculo-xix/>.

Numa época em que o fazer literário encontrava-se vedado para as mulheres como atividade pública profissional ou semiprofissional, era comum escritoras publicarem sob pseudônimos: Ana Luísa de Azevedo Castro assinou com o pseudônimo “Índigena do Ipiranga” seu livro *D. Narcisa de Villar: legenda do tempo colonial*, também publicado em 1859. Antes dela, em 1850, Dionísia Gonçalves Pinto, que se identificava com o pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, publicou em volumes a obra intitulada *Dedicação de uma amiga*, assinando apenas com as iniciais B. A.

É importante notar que estes dois textos, publicados anteriormente ou no mesmo ano de Úrsula, são classificados por alguns críticos como sendo novelas e não romances, o que destaca Úrsula como uma das obras literárias pioneiras de autoria feminina publicadas no Brasil com formato de romance propriamente.

O caso é que Firmina se insere num panteão de escritoras do século dezenove silenciadas pelo fato de serem mulheres. Mas é também preciso dizer que, diferindo de Nísia Floresta, por exemplo, que era de origem abastada e publicou no Rio de Janeiro, França e Itália, Firmina era pobre, atuante no Maranhão e negra.

Pouco sabemos sobre a vida da autora: as circunstâncias históricas que motivaram sua alfabetização e o seu letramento; os caminhos que percorreu para alcançar instrução; trabalhar como



Sem título. Carolina Itzá

² Embora não tenha sido encontrada prova documental de traduções feitas por Firmina.

³ Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo e Prof. Dr. Felipe Vale da Silva. Disciplina Tópicos de Literatura Comparada II, do programa de Pós-graduação Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás-UFG. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/Plano_de_curso_T%C3%B3picos_de_Literatura_Comparada_II_-_2019.1.pdf. Acesso em 30 Mar. 2020.

professora; escrever o primeiro romance de autoria feminina do Brasil publicando-o no suporte livro e; ainda fundar uma escola mista, são praticamente ignorados.

Informam-nos que ela foi autodidata, que lia e escrevia fluentemente em francês². Sabemos que foi leitora de Gonçalves Dias, Almeida Garrett e Lord Byron - como indicou em poemas e anotações do diário que manteve entre os anos de 1853 e 1903, publicado postumamente -, que dialogava com o romantismo de J. W. Goethe e Bernadin de Saint Pierre, observação que alguns pesquisadores depreendem a partir da leitura do romance *Úrsula*³. E, provavelmente, travou diálogo com as ideias de Harriet Beecher Stowe, que publicou *A Cabana do Pai Tomás (1852)*, um *best-seller* antiescravista do século XIX.

Em 1847, aos 25 anos, foi a única aprovada no exame de professora de primeiras letras da Vila de Guimarães. Tornou-se musicista, poetisa, prosadora, romancista, publicando amplamente nos jornais literários maranhenses.

Publicou o livro de poemas *Canto à beira-mar (1871)*; também a novela *Gupeva, romance brasileiro (1861-1862)*, de temática indigenista e; por fim, o conto *A Escrava (1887)*. Deixou-nos 42 poemas avulsos

publicados em diversos periódicos, dez jogos de palavras, sete composições musicais e um diário.

Como disse Juliano Carrupt Nascimento, pesquisador da obra firminiana desde 2006, “ela foi uma poetisa poderosa, escrevia com o cuidado de professora das primeiras letras”.

Foi na ilha de São Luís do Maranhão, famosa por ser o berço de escritores como Gonçalves Dias e Aluísio de Azevedo, que Maria Firmina dos Reis nasceu; mas foi na remota vilazinha maranhense de Guimarães, terra natal de Sousândrade, que passou toda sua vida e produziu sua pioneira obra literária.

Entretanto, diferente do que aconteceu com seus conterrâneos homens, a ela não foi dado o mesmo privilégio deles - o de ser reconhecida nacionalmente como escritora.

Apesar disso, durante sua vida Firmina recebeu menção sobre sua obra além dos limites do Estado do Maranhão. Em quatro de novembro de 1871, o jornal *Espírito Santense* (ES) mencionou seu livro de poemas *Cantos à beira-mar*⁴. Em 11 de Janeiro de 1901, o *Diário do Maranhão* informou que um poema de título desconhecido integrou a edição de número 3, de *O 17 de Dezembro* (órgão oficial do Club União e Perseverança, do Pará) - sendo o único poema

⁴ Consultar jornal em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217611&pagfis=270>. Essa informação foi revelada pelas pesquisas de Sérgio Barcellos Ximenes, acessível em: <https://aarteliteraria.wordpress.com/2018/02/11/cantos-a-beira-mar-o-livro-de-poemas-de-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 15 Abril. 2020.

⁵ O jornal pode ser consultado em: <http://memoria.bn.br/docreader/720011/32887>. Informação também revelada nas pesquisas de Sérgio Barcellos Ximenes. Disponível em: <https://aarteliteraria.wordpress.com/2017/12/04/a-producao-artistica-avulsa-de-maria-firmina-dos-reis/>

⁶ Informação enviada ao portal Memorial de Maria Firmina dos Reis pela pesquisadora Jéssica Catharine dos Santos.

⁷ Esse jornal pode ser consultado em: http://memoria.bn.br/pdf/720089/per720089_1862_00049.pdf.

⁸ O jornal pode ser consultado em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=168319_02&pagfis=1415&pesq=firmina.

de Maria Firmina publicado fora do Maranhão⁵. O nome de Maria Firmina dos Reis ainda aparece citado em um artigo veiculado pela revista *A Faceira* (RJ), de 1914, publicado sob o título *Poetisas Brasileiras*, escrito por Carmen Unzer, também escritora no início do século XX⁶.

A relevância da atuação literária e intelectual de Firmina pode ser atestada também em outros dois episódios divulgados em jornais da época. O primeiro é o anúncio veiculado no *Publicador Maranhense*, de primeiro de março de 1862, seção *Noticiário*, em um *anúncio de publicação do livro A Virgem da Tapera*, de João Clímaco, *oferecido à "Exm^a Sr.^a D. Maria Firmina"*⁷. O segundo episódio trata-se de uma visita de cortesia do governador do Maranhão Luís Domingues, que ocupou o cargo de 1910 a 1914, à "distinta poetisa Maria Firmina dos Reis", denotando o prestígio e reputação que a escritora alcançou no Maranhão. O jornal *A Pacotilha* reportou essa notícia em 16 de janeiro de 1911, na seção sobre informe se Guimarães⁸.

Assim, Maria Firmina constituiu uma voz dissonante ao seu tempo, com um ponto de vista e uma perspectiva que buscavam romanticamente revisar o mundo, a mulher, o negro, o índio. Outro legado importante de sua obra tem a ver, inegavelmente, com seus questionamentos com relação ao lugar e ao papel da mulher na sociedade, pois para muitos, Maria Firmina parece estar à frente de seu tempo falando não só da necessidade de igualdade entre

os seres humanos, como também da forma com que alguns homens tratavam as mulheres.

Nascida em 11 de março de 1822, filha da *mulata alforriada*⁹ Leonor Felipa dos Reis e, provavelmente, de João Pedro Estevão (ou Esteves) - homem branco de posses e sócio do ex-proprietário de sua mãe¹⁰, Firmina era mestiça. No entanto, não há registro de qualquer retrato da escritora até o presente, apesar disso, na Praça do Pantheon Maranhense, ergueu-se um busto da autora a partir das informações orais retiradas da biografia da escritora feita pelo pesquisador Nascimento Moraes Filho, mas como observou a historiadora Régia Agostinho Silva, em nada se parecendo uma mulher negra ou mestiça, o que acabou contribuindo para o branqueamento da imagem de Firmina que foi sendo construída ao longo desses anos com base em equívocos: a pintura que ficou exposta na Câmara dos Vereadores de Guimarães, por exemplo, trazia a imagem de Maria Benedita Borman (1853-1895), uma escritora branca, gaúcha, que acreditaram ser Firmina. Este equívoco infelizmente ainda hoje ocorre, em mídias e materiais diversos. Nesta Edição da FirMinas, temos a alegria de apresentar um novo retrato para Maria Firmina dos Reis, elaborado pelo artista maranhense Wall Paixão.

Maria Firmina dos Reis faleceu em 11 de outubro de 1917, vergada ao peso dos 95 anos, dos quais, quarenta foram dedicados ao ensino e sessenta à literatura.

⁹ Termo que consta nos Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis, de 25 de junho de 1847. Para saber mais, consulte: ADLER, Dilercy. *A mulher Maria Firmina Dos Reis: uma maranhense*. Editora Malê, 2018. E também da mesma autora *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. Academia Ludovicense de Letras, São Luís (MA), 2017 (Para adquirir, envie solicitação para o e-mail amei.osfl@gmail.com).

Em 2019, o livro *Úrsula* (1859) completou 160 anos! Esse romance ficou esquecido por quase um século, até que Nascimento Morais Filho resgatou sua história dos porões da biblioteca pública Benedito Leite, em São Luís.

Entre 1967 e 1969, Horácio de Almeida comprou um lote de livros, entre os quais vinha uma pequena brochura, que despertou sua atenção. O Livro não trazia assinatura alguma. Consultou Tancredo [de Barros Paiva], e outros dicionários de pseudônimos e nenhum revelou quem fosse “Uma Maranhense”. Ele foi ao índice do Dicionário [Bibliográfico Brasileiro], levantado por Estados da Federação. Percorrendo a relação dos escritores maranhenses, encontrou o nome Maria Firmina dos Reis, que Sacramento Blake apresentava como autora do romance *Úrsula*.

Em 1973, Horácio de Almeida apresentou um trabalho que ficou registrado nos Anais do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, mas só publicado em março de 1974 e intitulado A Primeira Romancista no Brasil, assinado por “um acadêmico”. O artigo tencionava saber qual tinha sido o primeiro romance escrito no Brasil por uma mulher.

Antes, em 1973, Nascimento Morais Filho divulgou sua pesquisa sobre a *descoberta* de Maria Firmina na antiga Agência Meridional de Notícias. A entrevista para o jornal maranhense *O Imparcial*, em 11 de novembro de 1973, recebeu divulgação nos jornais nacionais.

Morais Filho relatou que, durante uma pesquisa, *descobriu* por acaso a romancista maranhense Maria Firmina dos Reis, por meio de anúncios em jornais do século XIX que divulgavam o romance *Úrsula*. Depois

de longa investigação, ele promoveu uma reedição fac-simile do livro, em 1975. E segundo o autor, graças ao escritor e bibliógrafo Horácio de Almeida, que doou o livro ao governo do Estado do Maranhão.

A partir de então...

Em 1988, saiu a terceira edição do romance, com prefácio do intelectual norte-americano Charles Martin, por ocasião das comemorações do centenário da Abolição e Escravatura.

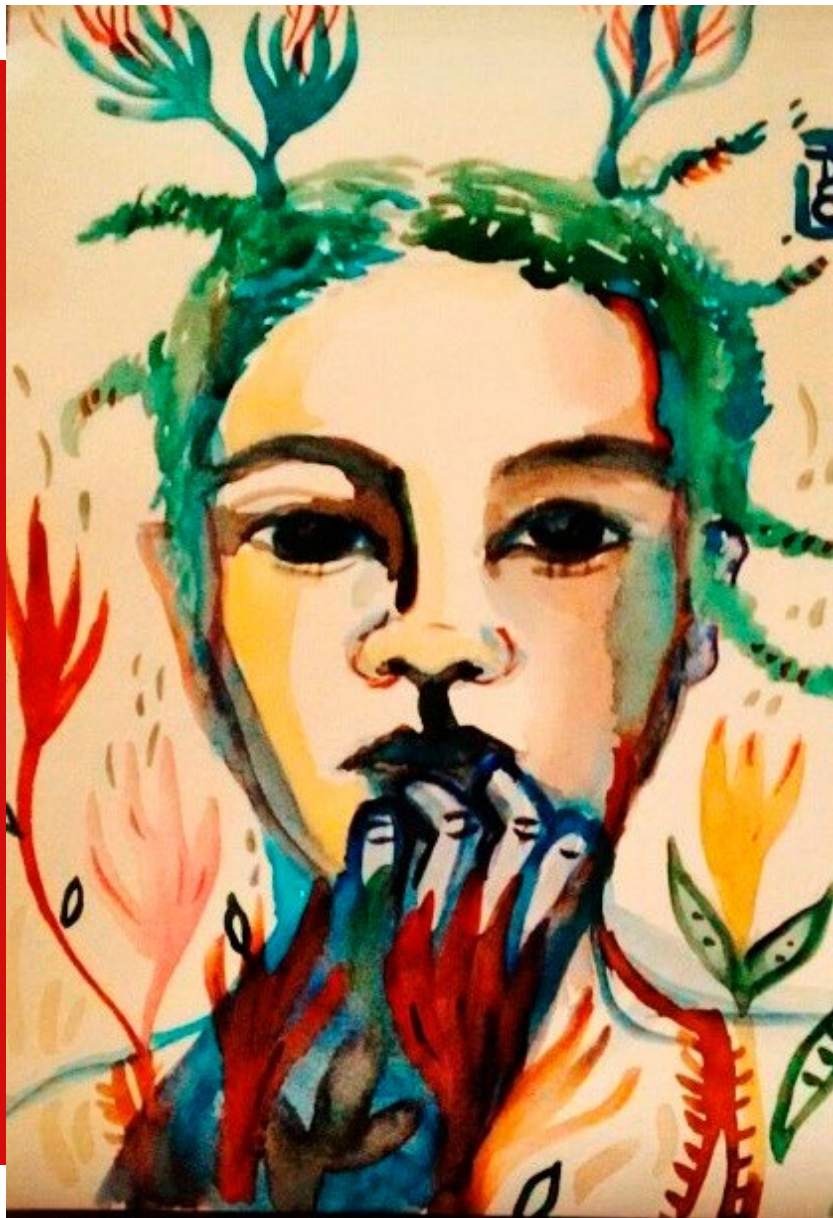
Em 2004, veio a público a quarta edição do livro, acrescido do conto *A escrava*. Com atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Essa edição tornou-se importante na história da circulação do romance *Úrsula*, pois após 16 anos da publicação da até então última edição (1988), organizada por Luiza Lobo, esta quarta edição de 2004 foi responsável por apresentar o texto de Firmina a um público mais amplo.

Assim...

Há uma década, tínhamos publicadas apenas seis edições da obra *Úrsula*: 1859, 1975, 1988, 2004, 2008 e 2009. Seguiram esgotadas até que BOOM! Hoje são 21.

Entre 2017 e 2020, fomos brindadas/os com dezesseis novas edições. Quatro em 2017; nove em 2018; duas em 2019 e; em 2020, a primeira edição de capa dura, com apresentação e posfácio de Régia Agostinho da Silva, além da previsão de lançamento da primeira tradução de *Úrsula* para o inglês, trabalho que vem sendo realizado por Cristina Ferreira Pinto Bailey.

Além das edições impressas, *Úrsula* conta com três versões disponíveis apenas em formatos digitais, que foram lançadas em 2008, 2017 e 2018 respectivamente.



Haiti. Carolina Itzá

Também desde 2018, o romance de Firmina consta em lista de leituras obrigatórias de alguns vestibulares, como os da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG) e o da Universidade de Brasília (UnB), já tendo estado na lista de obras de leitura obrigatória da Universidade Federal do Piauí, em 2009.

Por conta desse destaque no mercado editorial que é também um reflexo das atividades acadêmicas, temos percebido a presença de *Úrsula* e de sua autora nos Programas de Graduação e Pós-Graduação de Universidades, além de cursos pensados para o Ensino Médio. Entendemos esse movimento como algo importantíssimo, pois Firmina vem ocupando lugares e posições no campo literário brasileiro que atestam e ressaltam a qualidade literária de sua obra.

Assim, em 2018, tivemos o Curso de Extensão *Autoras Negras Brasileiras*, no Instituto Federal São Paulo, Campus Jacareí.

Em 2019 destacamos cinco cursos: 1) Curso de Extensão *Literatura de autores negros no Brasil*, da Universidade Federal do ABC; 2) Disciplina *Tópicos de Literatura Comparada II*, do programa de

Pós-graduação Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás; 3) Curso *História da Escravidão no Brasil*, na Universidade Federal Fluminense; 4) Curso *Corpo, Memória, Imaginário: experiência, subalternidade e assunção de voz feminina no Atlântico negro*, do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e; 5) Minicurso *Filósofas em ação: desconstruindo preconceitos e criando mundos*, Colégio Pedro II do Humaitá, projeto de extensão da Unirio.

Afora esses, há o Projeto de Pesquisa *Entre o romance e o periódico: memórias traumáticas em Maria Firmina dos Reis*, projeto inserido na Linha de pesquisa: Literatura, Crítica e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Por fim, para comemorar o aniversário do primeiro romance escrito por uma autora negra brasileira e saudar essa pioneira das letras femininas nacional, o **Memorial de Maria Firmina dos Reis** lança a **Revista Firminas!** Ela é uma homenagem, mas, fundamentalmente, *potência!*

Prólogo

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo [a indiferença] glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Então por que o publicas? perguntará o leitor.

Como uma tentativa e, mais ainda, por este amor materno que não tem limites, que tudo desculpa — os defeitos, os achaques, as deformidades do filho — e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.

O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir nem aformosentar [aformosear]. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra e nem olha para as planuras onde gira a águia.

Mas, ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afogado pelo carinho materno.

Ele semelha [assemelha-se] à donzela que não é formosa porque a natureza negou-lhe as graças feminis, e que, por isso, não pode encontrar uma afeição pura que corresponda ao afeto da sua alma, mas que com o pranto de uma dor sincera e viva que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde [inutilmente] quer recolher para a corução [o coração], move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga, ao menos, a olhá-la com bondade.

Deixai, pois, que a minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da Natureza nem enfeites e louçanias [elegâncias] da arte, caminhe entre vós.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos, para assim dar alento à autora de seus dias [sua criadora], que talvez que com essa proteção cultive mais o seu engenho e venha a produzir coisa melhor; ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras [mulheres] que, com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós.

Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*, 1859.